

RAIVA EM FELINOS DOMÉSTICOS E SILVESTRES: RISCOS ZONÓTICOS E IMPLICAÇÕES PARA A SAÚDE ÚNICA E CONSERVAÇÃO

Ana Beatriz Borges Rocha^{1*}, Aline de Souza¹ e Lucas Belchior Souza de Oliveira².

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: anabeatriz21.ab@gmail.com
²Docente do Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH – Belo Horizonte/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

A raiva constitui uma zoonose viral aguda, progressiva e letal, que afeta o sistema nervoso central de mamíferos, incluindo felinos domésticos (*Felis catus*) e silvestres, como a onça-parda (*Puma concolor*)^{1,2}. Causada pelo vírus da raiva, pertencente ao gênero *Lyssavirus*, essa enfermidade representa um desafio constante para a saúde pública e animal, especialmente em regiões com circulação ativa do vírus em populações de animais silvestres e urbanos².

Embora gatos domésticos sejam considerados hospedeiros de menor relevância epidemiológica quando comparados à cães, casos esporádicos e surtos em áreas periurbanas evidenciam o risco de transmissão, principalmente em contextos de negligência vacinal. Em relação aos felinos silvestres, como *Puma concolor*, a raiva tem sido registrada em cativeiro e em vida livre, levantando preocupações quanto à conservação da espécie e à segurança de profissionais que atuam em seu manejo².

A convivência ou proximidade entre animais domésticos e silvestres, seja em áreas de borda ou em criadouros científicos, potencializa o risco de intercâmbio viral, sobretudo quando falham as barreiras sanitárias, como a vacinação e o controle de morcegos hematófagos. A raiva, nesses casos, pode ter um curso clínico agudo, com manifestações neurológicas graves e evolução fatal, o que dificulta o manejo terapêutico e impõe a necessidade de vigilância contínua³.

Diante disso, este artigo visa revisar os principais aspectos clínicos, epidemiológicos, diagnósticos e preventivos relacionados à raiva em *Felis catus* e *Puma concolor*, com ênfase nos riscos associados à interface doméstico-silvestre. Neste resumo, haverá também um relato clínico envolvendo a suspeita de raiva em felídeo silvestre em cativeiro, ressaltando os desafios do diagnóstico diferencial e as estratégias de biossegurança no contexto da conservação.

METODOLOGIA

Os materiais e métodos utilizados nesse resumo foram os artigos científicos indexados em bases nas plataformas como SciELO, Google Acadêmico, PubMed, Revista Brasileira de Medicina Veterinária, com prioridade para publicações dos últimos cinco anos. O estudo destaca diretrizes atualizadas sobre o tema, além de relatos de casos relevantes.

RESUMO DE TEMA

A raiva é uma enfermidade viral zoonótica, de evolução aguda e letal, provocada por um vírus neurotrópico pertencente ao gênero *Lyssavirus*, família *Rhabdoviridae*². Seu impacto ultrapassa as barreiras da medicina veterinária, representando uma importante questão de saúde pública global, especialmente em países da América Latina, onde a doença ainda não foi erradicada. A transmissão ocorre, de maneira predominante, pela mordedura de animais infectados, sendo a saliva o principal veículo de eliminação viral³.

No que diz respeito aos felinos domésticos, embora os cães historicamente tenham sido os principais transmissores da raiva urbana, os gatos (*Felis catus*) têm ganhado importância epidemiológica significativa. Nos Estados Unidos, por exemplo, desde a década de 1990, os gatos superaram os cães como o animal doméstico com maior número de casos confirmados de raiva⁵. Essa tendência é atribuída, sobretudo, à baixa cobertura vacinal entre os felinos, à maior liberdade de trânsito desses animais e ao hábito predatório que os expõe frequentemente a morcegos - principal reservatório do vírus em ambientes urbanos e periurbanos⁴. A infecção em felinos domésticos resulta, na maioria das vezes, na forma colérica da doença, com manifestações clínicas como alterações comportamentais (agitação, agressividade ou apatia), salivação excessiva, disfagia, vocalização anormal e paralisia muscular progressiva. A letalidade, uma vez manifestados os sintomas, é de 100%^{4,5} e em relação aos felinos silvestres, o panorama da

raiva apresenta especificidades ecológicas e sanitárias que merecem atenção. Espécies como o *Puma concolor*, também conhecido como onça-parda ou suçuarana, embora não sejam reservatórios naturais do vírus, têm sido diagnosticadas com variantes específicas do RABV, especialmente em países como o México e o Brasil⁶. Entre 2000 e 2021, estudos laboratoriais confirmaram a infecção por variantes virais (RVV1 e RVV7), geralmente associadas a carnívoros silvestres como raposas e gambás. Esses achados revelam o papel do *Puma concolor* como hospedeiro acidental e sua possível relevância na dinâmica de manutenção do vírus na cadeia ecológica, principalmente em contextos de fragmentação de habitat e aumento do contato com populações humanas e animais domésticos^{2,7}.

O diagnóstico definitivo da raiva em felinos, sejam domésticos ou selvagens, é realizado *post mortem*, mediante análise do sistema nervoso central. O teste de imunofluorescência direta (FAT) é considerado o exame padrão de referência para detecção de antígenos virais⁷. Métodos moleculares, como a RT-PCR e a análise genômica das variantes circulantes, também têm sido empregados com maior frequência, permitindo a rastreabilidade do agente viral e a identificação de rotas de transmissão entre espécies diferentes^{5,7}. A ausência de tratamento específico e eficaz após o aparecimento dos sinais clínicos reforça o caráter preventivo da vigilância sanitária. A vacinação de rotina em gatos é imprescindível, sendo recomendada a partir dos três meses de idade, com reforços anuais^{7,8}. No caso de felinos silvestres em cativeiro, como os mantidos em zoológicos, criadouros científicos ou centros de reabilitação, a imunização é uma medida preventiva estratégica para a conservação da espécie e proteção dos profissionais envolvidos no manejo⁸.

Do ponto de vista ecológico e sanitário, a circulação do vírus rábico entre animais silvestres e domésticos impõe desafios significativos para o controle da doença. A proximidade entre áreas urbanas e ambientes naturais, o crescimento desordenado das cidades e a fragmentação de biomas favorecem o contato entre espécies e ampliam os riscos de surtos zoonóticos⁸. A abordagem da Saúde Única torna-se, assim, indispensável na formulação de políticas públicas integradas, que contemplem o monitoramento da fauna, o controle populacional de animais urbanos, a educação comunitária e a capacitação de profissionais de saúde e meio ambiente^{1,5}.

Em síntese, a raiva em felinos, especialmente no *Puma concolor*, representa um elo crítico entre o ciclo silvestre e urbano da doença. O aprofundamento científico sobre esse tema é fundamental para embasar estratégias de vigilância, prevenção e manejo, tanto no contexto da saúde humana quanto da conservação da biodiversidade.

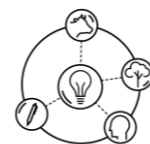
Tabela 1: Comparativo dos aspectos da raiva em felinos domésticos (*Felis catus*) e silvestres (*Puma concolor*)

Aspecto	Felino Doméstico (<i>Felis catus</i>)	Felino Silvestre (<i>Puma concolor</i>)
Veículo de transmissão predominante	Cães e morcegos infectados em áreas urbanas e periurbanas	Morcegos hematófagos (<i>Desmodus rotundus</i>) em áreas rurais e florestais
Prevenção	Vacinação anual obrigatória e controle de animais errantes	Monitoramento de fauna silvestre e campanhas de vigilância zoonótica
Início dos sintomas	10 a 60 dias após infecção; agitação, salivação e mudança de comportamento	15 a 45 dias após infecção; isolamento, agressividade e desorientação

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A raiva permanece como uma das enfermidades virais mais letais e negligenciadas no contexto da saúde animal e humana, exigindo atenção constante das autoridades sanitárias, pesquisadores e profissionais da área. A análise do panorama epidemiológico da doença em felinos evidencia um cenário multifacetado, no qual gatos domésticos representam um elo importante na interface urbano-silvestre, enquanto grandes felinos, como o *Puma concolor*, assumem papel relevante em áreas de conservação e contato ambiental com outros hospedeiros do vírus.

Embora o número de registros em felinos silvestres ainda seja considerado baixo, a detecção de variantes virais em indivíduos da fauna livre reforça



XVI Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente

a necessidade de ampliação da vigilância ativa, especialmente em zonas de transição ecológica. O aprofundamento dos estudos sobre a circulação do vírus da raiva em populações silvestres, o fortalecimento das campanhas de vacinação em felinos domésticos e a adoção de medidas educativas junto à população são estratégias fundamentais para a prevenção da doença.

Além disso, torna-se imprescindível a adoção de abordagens integradas e interdisciplinares, conforme preconizado pelo conceito de Saúde Única, a fim de garantir a efetividade das ações de monitoramento, controle e resposta frente à ameaça constante representada pela raiva. Compreender o papel de cada espécie na cadeia de transmissão e implementar políticas públicas sustentáveis são passos indispensáveis para a redução do risco zoonótico e a preservação da biodiversidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. SOARES, Y. G. S. et al. Raiva em um jaguarundi (*Herpailurus yagouaroundi*) de vida livre no Nordeste do Brasil. *Pesquisa Veterinária Brasileira*, v. 44, e07421, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-5150-PVB-7421>. Acesso em: 15 jun. 2025.
2. GARCÉS-AYALA, F. et al. Rabies virus variants detected from cougar (*Puma concolor*) in Mexico 2000–2021. *Pathogens*, v. 11, n. 2, p. 265, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/pathogens11020265>. Acesso em: 15 jun. 2025.
3. ANTUNES, J. M. A. P. et al. Rabies virus exposure of Brazilian free-ranging wildlife from municipalities without clinical cases in humans or in terrestrial wildlife. *Journal of Wildlife Diseases*, v. 53, n. 3, p. 662–666, 2017.
4. FURTADO, M. M. et al. Serosurvey for selected viral infections in free-ranging jaguars and domestic carnivores in Brazil. *Journal of Wildlife Diseases*, v. 49, n. 3, p. 510–521, 2013.
5. ARAÚJO, D. B. et al. Antibodies to rabies virus in terrestrial wild mammals in native rainforest on the north coast of São Paulo State, Brazil. *Journal of Wildlife Diseases*, v. 50, n. 3, p. 469–477, 2014.
6. FAVORETTO, S. R. et al. Rabies in marmosets (*Callithrix jacchus*), Ceará, Brazil. *Emerging Infectious Diseases*, v. 7, n. 6, p. 1062–1065, 2001.
7. BRASIL. Ministério da Saúde. Raiva humana por animais silvestres no Brasil: atualizações e condutas profiláticas. *Boletim Epidemiológico*, v. 51, n. 35, 2020.
8. FORNAZARI, F.; LANGONI, H. Principais zoonoses em mamíferos selvagens. *Revista de Medicina Veterinária e Zootecnia*, v. 21, n. 1, p. 10–24, 2014.